

TRABALHADORES UBERLANDENSES: ORGANIZAÇÃO E LUTAS - 1950/1960

Fernando Sérgio Damasceno¹

RESUMO

Tal artigo objetiva compreender a dinâmica em que viviam trabalhadores do setor de alimentação em Uberlândia MG, nos anos de 1950/60. Suas experiências na formação de entidades representativas, em meio a uma nova elaboração político cultural, bem como as perseguições que houve aos comunistas e participantes do Grupo dos Onze de Leonel Brizola, a qual esta categoria sofria influências. Assim, pretende-se entender melhor a década de 50 e seus governos populistas, bem como o contexto em que foi se forjando o golpe militar de 1964.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalhadores, Associações, Grupo dos Onze

ABSTRACT

The objective article is to understand the conditions in which the workers of the Food Sector lived in Uberlândia MG, from 1950 to 1960. Their experience in the formation of representative trade union in middle the a new culture political constitution, well how the persecution that were of communist and participators of Leonel Brizola Groups of the Eleven, that this category suffered influences. So, intend understand better the decade of 50 and

1. Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Roraima.

yours populists governments, well how the context into that was if , forging the military blow.

KEYWORD: Workers.Associations, Grupo dos Onze

APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem por objetivo fazer uma discussão sobre algumas questões a respeito dos trabalhadores uberlandenses, da categoria da Alimentação.

Quanto às questões destes trabalhadores que levantaremos, as mesmas estão inseridas em um período de formação desta categoria, dentro de uma perspectiva associativa, onde questões como: organização, comunismo e Grupo dos Onze de Leonel Brizola estarão na pauta das lutas. Dentro destas questões, estes trabalhadores estarão vindo de outros estados e regiões rurais, ou mesmo da cidade de Uberlândia, onde, de uma maneira geral, encontraremos uma cultura popular diversa, seja pela origem camponesa e suas tradições, ou mesmo a perspectiva destes trabalhadores urbanos, tendo de elaborar novos conceitos de existência dentro da relação da luta de classes, que se torna a cada dia mais viva em suas realidades. Isto, entendemos, irá influenciar em suas formas culturais, ainda que estas transformações sejam bem lentas.

Sobre os autores que nos subsidiaram nestas discussões, destacamos Edward Palmer Thompson, que, em seus trabalhos: *A Formação da Classe Operária Inglesa e Costumes em Comum*, nos oferece subsídios teóricos, quando analisa a classe operária inglesa e suas transformações, revelando que aqueles operários estão em um momento de transição entre os costumes vividos no

campo ou em vilas, e as novas perspectivas do trabalho urbano com suas adolescentes maneiras de se organizarem para enfrentarem a realidade que os espera. Neste sentido, este diálogo visa a compreensão destes trabalhadores da Alimentação de Uberlândia MG.

Destacamos, ainda, nesta breve apresentação, que muito importante para a discussão foi a entrevista do trabalhador da Alimentação, Marino António da Silva, participante da construção sindical daquele período da década de 1950, até meados de 60, quando estas problemáticas apontadas têm sua vivência. Neste sentido, sua entrevista, realizada em maio de 2001 nos ofereceu todo um eixo de discussão da organização da categoria, as intervenções dos comunistas, bem como a iniciante tentativa de se formar, em Uberlândia, o Grupo dos Onze, para viabilizar outra perspectiva àqueles trabalhadores da cidade que sofriam com um elevado custo de vida naquele momento de governos populares, que acabou desencadeando o golpe militar de 1964, dado com objetivo de manter a hegemonia burguesa no país, sob uma orientação da política norte americana.

Portanto, finalizamos este tópico inicial, com a preocupação de destacar que este trabalho somente foi possível tendo estas diversas contribuições assinaladas anteriormente, o que mostra mais uma vez que o conhecimento é social, nesta tentativa de compreender nossa realidade.

DISCUSSÃO

Ocorre uma importância inicial, antes de se adentrar, especificamente, no entendimento dos trabalhadores uberlandenses, em particular os da Alimentação, de discutirmos pontos que Thompson traz em suas obras, que nos permitiram

compreender algumas transformações e explicações destes trabalhadores uberlandenses da década de 1950 e 60.

A partir deste entendimento, observamos que Thompson, durante o desenvolvimento de seu trabalho sobre o fazer-se da classe operária inglesa, observa que deve se afastar de qualquer preconceito quanto à origem rural daqueles trabalhadores. Isto, para nós, é similar, uma vez que outras compreensões teóricas entendem estes novos trabalhadores que vêm para a cidade como uma leva inculta. Entende-se que, sem dúvida, a princípio a realidade será outra, entre a vida camponesa e a nova vida urbana e seu modelo de trabalho, e, assim, em nosso trabalho, observamos uma dificuldade inicial destes trabalhadores se organizarem e formarem suas entidades, o que atrasou, de certa maneira, a aplicação de seus interesses na relação entre capital e trabalho. Porém, nesta formação da cultura urbana, ocorreu uma contribuição da cultura rural, o que mostra, inclusive, que se por um lado não havia experiência de organização de classe operária, por outro lado, um modelo cultural, condizente com sua realidade, sempre foi existente. Portanto, neste caminho, Thompson nos dá uma visão:

Por outro lado, a Revolução Industrial, que removeu do campo algumas das suas atividades típicas, destruindo o equilíbrio entre a vida urbana e rural, criou também uma falsa imagem de isolamento e "idiotismo" rural. Na realidade, a cultura urbana na Inglaterra, durante o século 18, era mais "rural" (na sua conotação usual), e a cultura rural, mais rica do que frequentemente se supõe (THOMSON, 1987).

O interessante de se observar estes aspectos incide no fato de se compreender que a partir da vinda destes indivíduos para a cidade, em específico Uberlândia, notamos uma outra etapa nestas vidas, em que novas necessidades são criadas e mesmo outros problemas estarão presentes para estas pessoas. É, neste

quadro, que vão surgir novas possibilidades, bem como formas diferentes de compreender e dar respostas aos problemas que surgem a cada momento. Por isto que a tentativa de se formar a Associação e mesmo tipos diferentes de auxílio, como o mútuo, surgem não de uma ideia bem elaborada de um indivíduo, mas vêm como uma resposta social de classe, que, embora sem experiência, contudo arrisca seus primeiros passos:

As sociedades de auxílio mútuo não "provêm" de uma ideia: tanto as ideias quanto as instituições surgem em resposta a certas experiências comuns. Contudo, a distinção é importante. Na estrutura celular rudimentar das sociedades de auxílio mútuo, com seu caráter eminentemente prático, podemos observar diversos traços que se reproduziram em organizações mais sofisticadas e complexas, como os Sindicatos...(THOMPSON, 1987).

Por este caminho, podemos observar que práticas, por exemplo, como o mutirão, usadas em um meio rural, contêm nesta elaboração um importante agregante cultural, permitindo uma solidariedade, e, ao mesmo tempo em que potencializa a força de trabalho, dá um passo bem ínfimo neste novo tipo de organização que é o sindicato. Isto porque, como se observa na própria opinião de Thompson, a organização sindical é muito mais complexa e sofisticada, necessitando, portanto, de uma participação ainda não vista e compreendida por estes novos trabalhadores operários. Neste sentido, observamos, no caso da entrevista de Marino, sua opinião em relação à dificuldade destes trabalhadores perceberem a necessidade ou sentido de se organizarem na Associação para defenderem seus direitos já conquistados, bem como estabelecerem outros. Assim, notamos diversos confrontos, de ideias, em que ocorre a participação e repúdio ao PCB, e à própria criação da entidade, assim como a tentativa de outros trabalhadores organizarem o *Grupo dos Onze*, para tentar viabilizar seus projetos de vida, ou, em certo sentido,

de classe. É neste quadro que se percebe o delineamento da formação da consciência de classe, como nos sugere Thompson:

Nesses confrontos, é possível perceber o delineamento das subsequentes formações de classe, bem como da consciência de classe; e os fragmentos residuais das antigas estruturas são revividos e reintegrados no âmbito dessa consciência de classe emergente.(THOMPSON, 1998).

Neste sentido, o que se pode observar, nestes resíduos do antigo modo de vida, é que, se, por um lado, estes resíduos de relações sociais vividos no campo, auxiliaram estes trabalhadores a visualizar a necessidade de uma união, por outro lado, trouxe também problemas como o paternalismo vivido por muitas destas pessoas no campo, mas que, na cidade, serão muito bem explorados pelo populismo e por um sindicalismo de conciliação de classes. Estes são alguns dos problemas que, embora estejam sendo adiantados, nos permite uma leitura mais clara da realidade que propomos analisar.

Feito estas ressalvas iniciais que entendemos ser propícias à elaboração em conjunto, observemos o quadro específico que este trabalhador uberlandense, em particular o da Alimentação, se encontra nesta cidade na década de 1950 e 60. Neste período, a cidade é mostrada pelos meios de comunicação existentes, como uma cidade acolhedora, de futuro e com possibilidade de se encontrar bons empregos. É importante observar, também, que, neste momento, com a iniciativa da construção de rodovias, além da Ferrovia da Mogiana vinda para a região no final do século XIX, e a construção da Capital Federal no Planalto Central, deu-se muito mais consistência ao discurso de que Uberlândia é cidade progressista. É neste quadro que ocorre a vinda de diversas pessoas para tentar a vida nesta cidade, que possui, neste momento, um forte setor da indústria de Alimentação, onde se centraliza o beneficiamento de cereais vindos de outros estados

ou mesmo de regiões circunvizinhas, antes de chegar aos grandes centros comerciais do país daquele período, dos quais se destacam Rio de Janeiro e São Paulo. Neste sentido, observemos, na opinião de Marino, trabalhador deste setor da Alimentação, como se mostrava a situação de Uberlândia:

Atrativo, muito atrativo, todo o movimento de cereais que vinha de Goiás, Mato Grosso, Goiás Velho, passava por Uberlândia e quando pra ir para São Paulo, e quando chegava aqui os comerciantes naquela época tinha muita máquina de arroz e, e eles cercavam e compravam pagavam mais caro pra ficar aqui. Foi por isso que Uberlândia desenvolveu muito, porque esse êxodo de gente de outros estados de outras regiões vindo pra Uberlândia acreditando que aqui era um mar de rosas, sabe e Uberlândia cresceu aumentou a população vertiginosamente. Então, mais aquele movimento daquela época modificou muito, a política hoje é diferente, não precisa mais daquele povo, daqueles homens forte pra trabalhar com cereais porque tudo é mais na base da tecnologia. Pega se em a granel lá na lavoura, vem e despeja aqui e, é armazenado nas Casemgs, nos armazéns do governo. Naquele tempo tinha que ter homem forte, tudo era ensacado e trabalhava com sacaria, tinha máquina de beneficiar algodão aqui em Uberlândia, hoje não tem mais nenhuma máquina de beneficiar, arroz pode contartambém as que têm, que são poucas.

Assim, uma significativa parte destes trabalhadores, que aqui chega, vai encontrar emprego neste setor de beneficiamento de cereais, onde, dentre os ocupantes das diversas especialidades desta atividade, podemos citar: classificadores, selecionadores, empacotamento, balança, destacando-se os carregadores, conhecidos popularmente como chapas. Estes trabalhadores são, geralmente, provenientes de pequenas localidades ou mesmo da zona rural, e farão os serviços mais árduos que é o carregamento destes cereais em sacas de 50 a 80 quilos cada, em um regime extenuante de trabalho. É importante destacar também que quase não existe direito trabalhista a estas pessoas, como: férias remuneradas, carteira de trabalho

assinada, assistência médica, bem como previdência social, transporte, dentre outros. Assim, é neste quadro que estes trabalhadores vão criar sua entidade, como resposta a suas novas realidades como observamos anteriormente em Thompson, que assinala ser isto uma resposta a novas experiências experimentadas de forma comum pela classe. Neste sentido, se objetiva a construção da Associação que, embora seja uma necessidade a partir da experiência comum, ficará na mão de um pequeno grupo de pessoas que encontra dificuldades de se fazer enquanto direção, uma vez que, da mesma forma como é nova a realidade para os trabalhadores que aqui chegam, para os que aqui já estão há mais tempo ou são da cidade, também é novo para estes a perspectiva sindical. É neste quadro que se pode observar tanto uma relação da criação de uma consciência de classe operária, bem como transformações de padrões culturais, ou mesmo a tentativa de nada mudar, de se permanecer o mesmo paternalismo, agora direcionando ao novo dirigente sindical ou mesmo patrão, e não mais ao fazendeiro verso agregado.

Neste tipo novo de relações que este trabalhador vive, é possível observar uma participação, em muitos casos, difusa, uma vez que, ao mesmo tempo em que se quer negar a realidade atual, com as lembranças saudosistas, onde o enfrentamento de interesses opostos em um primeiro momento se parecia mais com a natureza e suas condições postas. Aqui, na cidade, a relação entre trabalhador e patrão é muito mais evidente que em seu convívio anterior, mais, de maneira nenhuma, nega a relação de exploração em suas relações de trabalho, contudo, as formas capitalistas não são tão desenvolvidas. Nisto, entendemos que a enorme dificuldade que este trabalhador terá, em um primeiro momento, de entender tudo isto e tirar uma conclusão que permita seguir um caminho em sentido de se organizar, enquanto classe operária, terá diversas etapas, de avanços intercalados

com paralisações e mesmo em certo sentido ocorrerão regressos. Assim, é em meio a estes conflitos que estes trabalhadores da Alimentação darão o embate para a formação de sua Associação, em que se soma ainda uma relação complicada de experiência com o Partido Comunista Brasileiro, que, por um lado, sempre traz uma política de derrota para a classe trabalhadora, dada suas alianças com a burguesia dita progressista e seus partidos burgueses. Ao mesmo tempo, o comunismo é apresentado para estes trabalhadores, por meio da imprensa e da Igreja, como um câncer da sociedade que precisa ser extirpado. Logo, não é nada fácil construir uma associação nestas condições, contudo, alguns destes trabalhadores lançaram este projeto, como se pode ver na opinião de Marino, a respeito deste projeto sindical:

É em 1956 a 57, com muita dificuldade formamos uma diretoria, a criação do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Alimentação de Uberlândia, e tivemos muita dificuldade porque naquela época o povo era menos esclarecido. Tivemos dificuldade porque existia o Partido Comunista, mas muito bagunçado. Então aquelas pessoas com quem a gente conversava, trazia uma ficha para ele participar daquela diretoria, e formar uma diretoria pra leva essa organização a Sindicato de Classe e era difícil porque a pessoa "não, você larga isso porque isso é coisa de comunista, se eles ti pega, você vai pra cadeia". A gente explicava e eles não queria entender, nos tivemos muita dificuldade nesse sentido de perseguição política, mas conseguimos (MARINO, 2001).

Assim, ao assinalar estes pontos problemáticos, pode se perceber que, além desta categoria em formação sofrer de uma dificuldade em compreender a necessidade de uma entidade, também em parte podemos entender isso como resultado de um novo tipo de vida para estes trabalhadores, afinal, é patente a propaganda contra suas organizações tidas como produto das forças do mal, ou seja, do comunismo. Neste quadro, a realidade

se mostra confusa para este trabalhador, que se nega a se organizar com medo que isto seja uma atitude que venha lhe colocar em dificuldades posteriormente, uma vez que sindicato e comunismo, no momento, eram vistos como sinónimos. Dentro desta complicação, é importante se observar ainda o peso ideológico e mesmo cultural da religião, em particular a Igreja Católica, que faz um verdadeiro alarde contra a ideologia comunista, através de seus Círculos Operários, além da pregação cotidiana da liturgia. Portanto, notamos que isto teve muito significado para aquele trabalhador que foi criado nas "leis de Deus", com toda uma carga ideológica que trazia para o campo da conciliação as disputas entre trabalho e capital, afinal de contas, tanto o patrão, como o empregado, são tidos, nesta concepção, como filhos de Deus.

Outro ponto que pesou nesta relação de desconfiança em se inserir nesta associação, uma vez que já mostramos a similaridade tida entre comunismo e sindicalismo, foi a forte repressão policial sobre os comunistas, durante este período de 50, e, sem dúvida, após, na ditadura. Assim, mesmo no período normal da Democracia Burguesa na década de 1950, havia forte repressão sobre os comunistas ou mesmo os trabalhadores que iam contra o sistema, na tentativa de conquistar melhorias. Assim, em Uberlândia, não era diferente a repressão à classe trabalhadora, como se pode observar na opinião de Marino:

Ah, ele impunha a ordem a ferro e fogo que eu digo, é o seguinte: ele prendia e quando ele discubria um sujeito que falava que era comunista e tudo, ele prendia e batia e judiava mesmo sabe, o sujeito acabava saindo daqui. Arreventava o sujeito na pancada sabe, e ficou, foi o terror da região esse tal de capitão Jorgino, era um preto sabe (MARINO, 2001).

Desta forma, observando este quadro repressivo, colocado na realidade deste trabalhador, que não tinha a quem apelar, caso

caísse em desgraça, podemos ver a relação entre estes trabalhadores, os comunistas e a própria direção sindical, a princípio, se mostrava como uma relação de desconfiança. Assim, se, por um lado, o indivíduo se negava, na maioria das vezes, a participar da entidade, com medo de ser "coisa de comunista", ao mesmo tempo, as direções sindicais se negavam a ter uma relação mais próxima com o PCB, em atividades que poderiam ser encaminhadas conjuntamente. Isto, de certa maneira, fragmentava a classe trabalhadora, que unida possui mais chances de ter um projeto seu, sendo levado com possibilidades de vitória. Porém, na opinião de Marino, não havia um entrosamento entre estes trabalhadores e o partido comunista, embora reconhecesse que nele havia bons lutadores:

Não, não, não existia porque nós sabíamos que íamos ser perseguido e porque como eu já disse o Partido não era registrado, nem tinha reconhecimento o partido, não tinha legenda. Então a gente sabia que ia ser perseguido, aí procurava afastar deles mais os companheiros com quem a gente conversava, dizia pra gente " não, não entra nessa não que isso aí é coisa de comunista rapaiz, você vai se estrepar aí, ó eles pega e te arrebenta, não fais, não participa não, sai disso"(MARINO, 2001)

Como se nota, o medo de ser denominado como comunista era grande, logo, embora não fosse o único problema daquela categoria, esse fato, contribuía em muito para inviabilizar o trabalho de sindicalização destes trabalhadores. É importante ainda destacar que, mesmo não dirigindo aquela entidade, havia comunistas e simpatizantes na categoria, o que, de certa maneira, ou até certo ponto influenciava a política da categoria. Porém, ao se observarem os Jornais *Correio de Uberlândia* e *O Repórter* da época, além das atas daquela Associação, notamos que a influência maior, naquela entidade, era vinda do Círculo Operário, com sua Doutrina Social, elaborada pela Igreja

Católica. Isto é importante de se observar, pois, embora haja muitas pessoas comprometidas com as suas categorias, não podemos esquecer que o sindicalismo predominante era o varguismo, com toda sua colaboração de classe. Desta forma, é possível entender que existiam diversas opções e possibilidades a serem seguidas por estes trabalhadores, à medida que se identificasse com uma das múltiplas propostas surgidas por parte daqueles projetos distintos.

Após se observar, com cautela, esta problemática de organização, em que este trabalhador da Alimentação está inserido, não podemos perder de dimensão suas razões que fazem escolher um projeto em detrimento de outro. No mesmo sentido, os motivos que os levam a formarem, ou a se unirem em projetos mais arriscados ainda, como no caso do *Grupo dos Onze*, que Leonel Brizola objetiva construir para uma possível tomada do poder que não se concretizou. No entanto, alguns destes trabalhadores uberlandenses foram conquistados para esta tentativa, que, na conclusão de Marino, já nascera morta, contudo, isto foi percebido desta forma somente depois do golpe militar de 1964, que veio sobrepor a hegemonia das forças armadas. Antes disto, se acreditava que, mesmo sendo difícil, era possível uma mudança bem forte na condição de instabilidade em que aqueles trabalhadores estavam inseridos, em um momento em que, no país, o acirramento da luta de classes esteve em seu pico maior pela disputa pelo poder.

Neste sentido, vejamos por que e como partes destes trabalhadores entram nesta perspectiva? A princípio, se nota que as condições económicas da classe trabalhadora são as piores possíveis, visto que uma alta constante dos preços dos produtos da cesta básica é uma rotina, sem que os salários tenham seus reajustes correspondentes a estas altas. Vale destacar que esta política responsável por toda esta instabilidade, sem dúvida, teve

a complacência do Governo Juscelino Kubitschek. que, no afã de construir a capital federal, no interior do país, com a alegação de se integrar e interiorizar o país, deixou em último plano a produção agrícola. Ora, isto provocou um desabastecimento geral, vindo a ocorrer saques em várias capitais do país, diante dos preços impraticáveis a que eram expostos os trabalhadores.

Além de toda esta complicação, o pequeno governo de Jânio Quadros, com suas atenções com problemas secundários, como: legislação para coibir brigas de galo, uso de biquínis nas praias, bem como, suas constantes ameaças de renúncias, somados à criação da medida 208 da SUMOC, que retirava o subsídio de produtos essenciais, como o trigo e combustíveis, trouxe ainda mais uma subida dos preços de primeira necessidade. Assim, como se pode observar, Uberlândia estava em um contexto de muita instabilidade para a classe trabalhadora, que, inclusive, não se diferenciava de demais regiões do país, sendo palco, em 1959, de uma grande revolta popular, conhecida como *quebra-quebra*, em que armazéns e lojas da cidade foram arrombadas e seus produtos carregados pela população pobre da cidade, o que mostra o quadro de acirramento dos ânimos na espera de uma política econômica melhor por parte do governo federal.

Desta forma, sem mesmo adentrarmos detalhadamente no processo repressivo que sobreveio a estes trabalhadores, que, inclusive, tirou a vida de alguns, estes indivíduos vão objetivar outros projetos que dêem cabo a suas situações de crise. Assim, de forma clandestina, se iniciam os primeiros passos deste novo tipo de organização, o *Grupo dos Onze*, como nos conta Marino:

É, existia uma formação de, de Leonel Brizola queria formar uma força e Miguel Arrais queria formar uma força civil pra em caso de uma tomada de posse da armada brasileira, seja o exército, intão combate com eles esse *Grupo dos Onze*, era formado daqui pelo

Leonel Brizola... Era de boca a boca, não tinha panfleto, não tinha comunicação por rádio nem por telefone, nem nada, era boca a boca. Clandestino, lutava clandestinamente e avisava tudo clandestinamente, um tipo de andarilho sabe, um levava notícia boca a boca. "Ta acontecendo isso e isso, e tá programado isso e isso" (MARINO, 2001).

Desta forma, parte destes trabalhadores vai visualizar uma perspectiva de melhoria de suas condições, por intermédio da criação deste *Grupo dos Onze*, que era divulgado de forma clandestina, mas que prometia atacar os problemas mais urgentes destes trabalhadores, que, na realidade, buscavam o básico para sobreviverem. Porém, mesmo participando deste movimento, ao que se percebe, é possível entender que este trabalhador não possuía uma visão bem clara do conjunto das propostas que esta organização dirigida por Leonel Brizola pretendia para suas vidas, bem como para a política brasileira do momento. O que interessava a este trabalhador era resolver aqueles problemas de desemprego, e instabilidade que desordenava a vida da maioria deles, como se pode observar na opinião de Marino, trabalhador do Setor da Alimentação, que, participando deste grupo em Uberlândia, nos mostra, sob sua ótica, o que o grupo pretendia estabelecer como política para a classe trabalhadora:

Sim, a princípio nós pensava a ordem mais pra melhor, mais futuramente, não sabia, não sabia direito o que podia ser, tínhamos disconfianças mais nosso sonho era de que melhorasse. Organizasse e melhorasse a situação porque tava muito desordenado. O trabalhador que sai do comércio ia pras lavouras coitado, ia trabalhar lá, era chegava lá ele era, famílias inteiras ia, era aquela brigaiada, patrão prometia uma coisa chegava lá cumpria outra. Outra hora o sujeito queria receber mandava sair da fazenda, judiava com o sujeito então a gente queria impor a ordem sabe (MARINO, 2001).

Ao que se observa, na opinião de Marino, a instabilidade do trabalhador era muito grande naquele momento político, assim, como lembramos anteriormente, as políticas de Juscelino Kubitschek, bem como Jânio Quadros e mesmo posteriormente João Goulart, não conseguiram direcionar o país em sentido de melhorias de fato para a classe trabalhadora. Portanto, como se nota, este trabalhador uberlandense ou mesmo o que chega aqui, recentemente, tem de enfrentar o emprego que aparecer, sendo a lavoura, em muitos casos, a saída para ele.

Porém, se havia, em um primeiro momento, uma ilusão de que no campo se consertaria sua situação, tendo em vista até mesmo o plantio de alguma lavoura de subsistência, esta se frustrava, pois na realidade o campo já estava mais do que integrado ao modelo capitalista (PRADO, 1972), sendo as relações de trabalho, ali realizadas no sistema de assalariado, e, além disto, era muito corriqueiro o fazendeiro dar o calote no pagamento dos acertos deste trabalhador, bem como oferecer outras condições de trabalho e salários bem diferentes do que havia sido acertado de início. Neste quadro, não poderia ser diferente o resultado de desavenças a que chegavam estas famílias transferidas para o trabalho no campo, uma vez que o trabalhador, já urbano, não se adaptava à vida do campo, e a todo seu ritmo de rotina desgastante, que é a lida na lavoura ou mesmo no curral.

Desta forma, é neste quadro político e económico, e de novas perspectivas culturais que estes trabalhadores têm de resolver seus problemas de assimilação da nova realidade e procurarem uma saída. Neste sentido, alguns destes trabalhadores vão depositar a confiança na criação de um outro modelo político, que dê fim àquela instabilidade. O *Grupo dos Onze*, portanto, assinalou-lhes esta possibilidade, como se pode observar na opinião de um destes integrantes:

Afastando um pouco do modelo político daquela época, mais procurando melhorar. Mais pra isso teria que se enfrentar uma força que sabia que mais cedo ou mais tarde viria contra nós e como veio, mais veio a força maior, era do governo, o exército né da armada brasileira que revoltou e botou a ordem dirigiu o país por muito tempo.(MARINO, 2001).

Como se observa na opinião de Marino, estes trabalhadores estavam procurando uma melhora nas condições de suas vidas, e, de certa maneira, possuíam a compreensão que mais cedo ou mais tarde haveria também um movimento que os colocaria em foco repressivo, assim como suas greves e lutas por direitos atraía uma forte repressão sobre suas entidades de luta, logo, nesta perspectiva de se criar este *Grupo dos Onze*, não seria diferente. Porém, diante das problemáticas de suas vidas, para muitos valeria a pena naquele momento tentar um outro caminho que lhes acenasse com melhores condições, como observa Marino:

Sim, a gente pensava uma liberdade, mas uma liberdade ordeira, não se falava, não se falava em democracia. Queríamos uma liberdade assim de livre acesso ao serviço, mais apoio trabalhista aos trabalhadores, de uma vida melhor, mais liberdade de estudo, pra locomover. Mais não aquela bagunça que a gente tava, que a gente comia o que ganhava, não tinha ordem, se procurava justiça era uma coisa morosa uma dificuldade não é como hoje não, quando ocê clama por uma assistência jurídica tem de imediato, ta aí a assistência sem nenhum honorário. E naquele tempo não tínhamos isso, não tinha, dependia era de favor sabe quando encontrava. Então a gente lutava por uma coisa que a gente tivesse mais liberdade, trabalhasse mais com liberdade e respeito a pessoa humana, coisa que naquela época faltava muito, tinha muito a desejar (MARINO, 2001)

Estas eram algumas das razões que moveram aqueles trabalhadores a se ingressarem no *Grupo dos Onze*, ou seja, procurar consertar aquele momento de instabilidade, para se

obterem condições e oportunidades melhores de emprego, e direito a ter um acesso à justiça trabalhista eficiente, uma vez que a existente não atendia de fato a suas demandas. Neste aspecto, até mesmo se formos atentos, observaremos que para aqueles trabalhadores não havia o conceito de democracia tal como se propaga hoje, como recurso e princípio de liberdade para as soluções dos problemas da comunidade. Neste sentido, é possível compreender que até mesmo a democracia burguesa estava em um momento em que sua ideologia não estava bem sedimentada, como hoje, por exemplo, em que o conceito de Democracia foi construído de forma universal. Ideologia com a qual não concordamos.

É interessante observar, ainda, que para estes trabalhadores que aderiam o Grupo dos Onze, estava muito acesa, em suas perspectivas, colocar uma ordem ou direção no país, cujas instituições não funcionavam e tão pouco se mostravam propícias a dar solução às crises. Com isto, se percebe um grande conteúdo de nacionalismo neste grupo, que, embora sendo de uma base de trabalhadores, contudo não visualizavam uma perspectiva puramente de classe social independente. Por isto que, em nosso entender, sempre ocorre um apelo para se colocar a ordem no país para se solucionar seus problemas, ainda que entendemos esta ordem como uma outra alternativa da que estava sendo aplicada pelas direções políticas daquele período.

Outra característica que é importante de se assinalar é o grau de compreensão que estes trabalhadores tinham em relação aos próprios fins deste Grupo dos Onze, bem como a maneira como seu programa era criado. Ao que se observa, na opinião de Marino, este programa vinha traçado, cabendo aos trabalhadores segui-lo, ainda que isto não fosse uma determinação explícita, ou exigência para se integrar ao grupo,

porém, estes trabalhadores entendiam que seu papel seria só de executor e não de formulador da política para o grupo.

Não, respeitava a ordem nacional, a direção que vinha eu, se traçasse errado eu tava cortando, se traçasse certo eu cortava também. Porque eu tinha que respeita a ordem da direção maior né, que era a direção do país. Mais como eu toda vida fui operário trabalhador eu tinha que respeitar, porque eu nunca fui revoltoso. Não queria revolta, só esse plano aí que a gente entrou mais sem saber o que vinha acontecer futuramente. Muita gente entrou nessa, mais acreditando como era dito que no princípio que era pra manter a ordem, acabasse com aquela bagunça e desordem que existia no país, que o que precisava que queria não tinha a quem pedir. Pedia o governo aquilo ali ficava meses na dificuldade pra gente conseguir o que precisava e às vezes nem conseguia, o país tava em desordem (MARINO, 2001).

Portanto, ao se observar as condições em que era organizado este grupo, se percebe um trabalhador que se insere no processo, mas que se vê enquanto uma força menor. Assim como sua função na produção é vista como secundária ou de complexidade menor, sua participação também neste grupo refletirá o mesmo processo. Desta forma, na visão de Marino, se as suas direções traçassem projetos corretos, estes seriam implementados pela base, porém, os projetos viessem de forma equivocada, da mesma maneira, também seriam implementados pela base. Isto porque não cabia à base questionar suas direções, mas, sim, viabilizar para que estes projetos pensados pelas direções pudessem ter sucesso.

Com isso nos surge uma questão fundamental: que projetos políticos seriam estes do Grupo dos Onze, tanto em termos de uma política nacional, como em específico para estes trabalhadores? Ao que se observa, Marino nos conta que não sabia se o novo modelo político seria comunista, fascista ou imperialista, mas que, sem dúvida, seria um outro modelo i

diferente do que vigorava na época, desde que solucionai!* I instabilidade pela qual estavam passando, há pelo monoN um» década. Analisando à parte da visão destes trabalh. i < k > i < •• . •. il > n se que este plano de Leonel Brizola e também abraçado com algumas particularidades por Miguel Arrais, era, narealidade, um projeto de uma burguesia nacional dita progressista, com ,il(|inr. toques de transformações sociais dentro dos marcos do capitalismo, ou, no máximo, mas pouco provável, um modelo semelhante ao da Nicarágua Sandinista. Porém, nossa intenção é tentar entender a perspectiva deste projeto na visão dos trabalhadores, daí o fato de não polemizarmos este projeto dentro de uma perspectiva historiográfica.

É interessante destacar que, de uma maneira geral, estes trabalhadores, que,se inseriam neste Grupo dos Onze, também possuíam uma dimensão de que mais tarde esta organização disputaria o poder em um movimento armado. Contudo, esta perspectiva estava em um futuro longínquo, na visão destes trabalhadores, que acreditavam que primeiramente seria possível acumular forças e estruturar a organização, para, posteriormente, começarem os embates. Porém, a situação foi antecipada e o golpe militar de março de 1964 foi mais rápido que as resistências populares e suas organizações, que, na opinião de Marino, estavam se preparando ainda:

Futuramente, mais depois de organizado nós criamos, teríamos força pra enfrenta o combate sabe, mais não chegamos a organizar direito, começamos mas não chegou a organizar. Porque como eu já disse que era o país da verdadeira desordem (MARINO, 2001).

Como esta estrutura do Grupo dos Onze não funcionou, dado até mesmo pela indisposição de João Goulart em resistir ao golpe militar, que Brizola acreditava poder conter com este auxílio do Grupo dos Onze, além das forças militares fiéis ao governo, o

projeto ficou inviabilizado. Assim, a estruturação do Grupo foi débil, tanto em Uberlândia, como em outras cidades do país, assim, nas regiões de maior organização, como no sul do país, as lideranças fugiram para o Uruguai, e, no nordeste, local também de grande resistência e organização, Miguel Arrais logo foi preso, restando as ligas camponesas que, sendo reprimidas em alguns lugares e lutando em outros focos, foram também logo derrotadas, ainda que permanecesse uma organização, contudo não mais suficiente para disputar o poder com o setor golpista que passou a reprimir militarmente estas organizações.

E, em Uberlândia, o que faltou na avaliação de Marino para que este projeto do Grupo dos Onze funcionasse?

Uma cobertura em todos sentidos, administrativa, diretora e financeira que ninguém tinha dinheiro e precisava organiza por, por pensando que podíamos fazer um país melhor, mais organizado, de vidas melhor de ordem e progresso pro país. Nosso sonho era isso (MARINO, 2001).

Portanto, ao que se observa da opinião de Marino, faltou toda uma logística, mínima que fosse, para dar condições de funcionamento e crescimento à organização, porém, como isto não veio ou não foi construído localmente, a derrota, sem confronto de maiores proporções, foi iminente. Marino observa, ainda, que estes integrantes do Grupo dos Onze, em Uberlândia, se dispersaram e cada um procurou ficar quieto em seu canto, para não chamar atenção da repressão que correu solta, perseguindo quem tinha e quem não tinha participado deste tipo de organismo, e do próprio sindicalismo da cidade.

CONCLUSÃO

Ao se observar todo este processo vivido |»"i <!\>» trabalhadores uberlandenses, em especial a categorln <i> ,«i.» da Alimentação, à qual o entrevistado pertencia, no período **antrt** 1950 e 60, podemos tirar algumas conclusões. Ressaltando, antes, que este pequeno trabalho de pesquisa é somente **uma** parte de todo um trabalho de dissertação, que analisa diversos outros fatores destes trabalhadores, bem como de outra categoria, a dos Ferroviários, neste mesmo período histórico. Assim, diversos outros documentos e bibliografias foram usados na pesquisa, mas não foram exploradas neste trabalho.

Feitos estas considerações, podemos começar observando que estes trabalhadores que pretendem organizar sua associação e mesmo outros que participam, por exemplo, do Grupo dos Onze vivem uma relação de experiência, que encontramos muito teorizada em Thompson, que avalia que "somente em circunstâncias excepcionais as pessoas vão além da sua experiência local, de seus valores vividos e apresenta um desafio mais amplo". Assim, ao se observar aquela tentativa inicial de se formar a entidade sindical, mesmo que sabemos da complicada política de conciliação que era marcante naquele período, não se pode negar que aqueles trabalhadores, recém chegados à cidade, vindos de uma vida, em muitos casos, bem diversa da encontrada, terão, neste primeiro momento de pressão para se sindicalizarem, uma enorme dificuldade em perceberem esta necessidade, ou mesmo a eficiência desta Associação em suas demandas.

Portanto, se na tentativa de se associar encontramos dificuldades, mais difícil será a integração deste trabalhador em um partido político de esquerda, uma vez que isto era alheio a sua realidade anterior. Neste sentido, por mais simples que se

pareça, o fato de se entrar em uma associação, para aquele trabalhador, nas ponderações de Thompson, seria experimentar valores ainda não vividos. E quanto à entrada no Grupo dos Onze, mais excepcionais eram estas circunstâncias, pois onde valores arraigados de paz e obediência deveriam ser transpostos, uma vez que o enfretamento, ainda que futuro, seria inevitável, seguindo aquele curso.

Assim, entendemos que este trabalhador viveu uma complexa relação de absorção de novos valores, ao mesmo tempo em que velhos conceitos já enraizados deveriam ser esquecidos. Afinal, se a experiência de classe lhe ensina, a cada momento de sua vida, não se pode esquecer o peso cultural que carrega em relações de paternalismo e religiosidade. Neste sentido, é que podemos entender aquele repúdio inicial que este trabalhador se mostra quando é convidado a se associar em sua entidade em formação, como nos lembra Marino. Não menos importante, é perceber também o caráter de religiosidade que este trabalhador possui, que é muito bem explorado pela Igreja, na tentativa de demovê-lo de qualquer iniciativa de participar de entidades de classe, e, quando já não é possível impedir este vínculo associativo deste trabalhador com uma associação, a própria Igreja se insere no quadro sindical, criando os Círculos Operários, locais de organização sindical, contudo, negando a luta de classes em benefício da política de conciliação.

Desta forma, é neste quadro que este trabalhador se forma, e, como suas necessidades funcionam ao mesmo tempo como um dínamo, que produz respostas a certas experiências comuns, como nos lembra Thompson, é, nesta contradição, que este indivíduo irá perceber a possibilidade de sua associação ser funcional a suas demandas. Também não é diferente deste processo a entrada deste trabalhador naquele Grupo dos Onze, que canalizava seus descontentamentos para a perspectiva de

um projeto novo, capaz de dar vazão as suas instabilidades de vida. Por outro lado, não se pode ignorar uma outra parte significativa de pessoas que eram absorvidas pela ideologia religiosa, ou por um sindicalismo ainda mais comprometido com a ordem.

Por último, queremos finalizar esta reflexão, observando que este trabalhador, em discussão, passou por transformações culturais, e, se parte de suas tradições foram conservadas, outras foram esquecidas, devido a diversos fatores, dentre os quais, destacamos os embates económicos que nortearam novos sentidos para suas vidas. Assim, como nos lembra Engels, nas transformações culturais, se, por um lado, elas estão relacionadas a diversos outros fatores, não económicos, ao mesmo tempo, não se pode desprezar o peso que estes fatores económicos possuem nestas transformações sociais a cada etapa do processo histórico do homem.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AFFONSO, Almino. **Raízes do Golpe - da crise da legalidade ao parlamentarismo 1961 a 1963**. Marco Zero. São Paulo, 1988.

PRADO, Caio Júnior. **A Revolução Brasileira**. Brasiliense. 4ª ed. São Paulo, 1972.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. Cia das Letras. São Paulo, 1998.

_____. **A Formação da classe operária inglesa**. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1987. 2º Volume.

DOCUMENTAÇÃO DE PESQUISA

Jornal Correio de Uberlândia. Período de 1959 a 1965.

Jornal O Repórter. Período de 1959 a 1963.

Ata do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria da Alimentação. Período de 1959 a 1967.

Entrevista realizada pelo autor em 13 de junho de 2001. O entrevistado é Marino Antônio da Silva, trabalhador da categoria da Alimentação, sendo um dos fundadores da Associação que posteriormente em 1961 se transformou em sindicato. Marino foi também membro de um grupo dos Onze que se formou em Uberlândia, sob a orientação de Leonel Brizola, no período do governo de João Goulart.